

IFSC- INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS SÃO JOSÉ
EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Maiele Vitória Souza

O USO DOS CONTOS POPULARES NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

São José- Sc

2022

Maiele Vitória Souza

O USO DOS CONTOS POPULARES NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

TCC apresentado ao curso de Especialização em
Educação Ambiental com Ênfase em Formação de
Professores do Instituto Federal de Santa Catarina,
Campus São José.

Orientador: Manuel Sebastian Rebollo Couto

São José- SC

2022

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo.” (PAULO FREIRE)

Dedico este trabalho a Deus, o Autor e consumidor de minha fé, a minha família que foi meu alicerce em todo o momento. Amo vocês!

RESUMO

O trabalho buscou evidenciar a importância do uso das narrativas populares como subsídio didático para esclarecer e conscientizar sobre as questões ambientais, para tal, realizou-se um levantamento de trabalhos sobre o uso dos contos populares como recurso didático para esclarecer questões relacionadas a temas ambientais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica desenvolvido com base em material já elaborado, realizando o levantamento de trabalhos que remetesse aos temas conto popular, narrativa popular, causo e conto tradicional em bases de dados científicos do Google Acadêmico, Scielo e BDTD, partindo para leitura e posteriormente para a íntegra dos trabalhos que se enquadraram ao tema proposto, totalizando então treze artigos/trabalhos analisados. Após a leitura dos trabalhos foram construídas quatro categorias: Reflexões teóricas, ferramenta para o ensino da educação ambiental, ferramenta no âmbito do processo formativo em educação ambiental e nova alternativa didática. Constatou-se que o uso dos contos populares e causos como instrumento para sensibilização na educação ambiental mostra-se como eficaz, visto que em muitos trabalhos houve concreta sensibilização de alunos, professores, famílias e comunidades para as questões ambientais e o fato de ter sido levantado apenas treze artigos/ trabalhos nos mostra que os estudos sobre o uso dos contos populares/causos na educação ambiental e sua publicação encontra-se ainda em desenvolvimento, apontando a carência na área e a necessidade de mais pesquisas.

Palavras- chave: Contos populares; Educação ambiental; Didática

ABSTRACT

The work sought to highlight the importance of using popular narratives as a didactic subsidy to clarify and raise awareness of environmental issues, for this purpose, a survey of works on the use of popular tales as a didactic resource to clarify issues related to environmental issues was carried out. This is a bibliographic research developed based on material already prepared, carrying out a survey of works that refer to the themes popular tale, popular narrative, story and traditional tale, in scientific databases of Google Scholar, Scielo and BDTD, starting to reading and later for the full text of the works that fit the proposed theme, totaling thirteen articles/works analyzed. After reading the works, four categories were constructed: Theoretical reflections, a tool for teaching environmental education, a tool in the context of the training process in environmental education and a new didactic alternative. It was found that the use of folktales and stories as an instrument for raising awareness in environmental education is shown to be effective, since in many works there were concrete sensitization of students, teachers, families and communities to environmental issues and the fact of having only thirteen articles/works have been surveyed, it shows us that studies on the use of folktales/stories in environmental education and their publication are still under development, pointing out the lack in the area and the need for more research.

Key words: Folk Tales; Environmental education; popular narrative

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Artigos seleccionados por categoria.....	15
Quadro 2: Sistematização da narrativa.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
JUSTIFICATIVA	10
OBJETIVOS	10
OBJETIVO GERAL	10
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
REFERENCIAL TEÓRICO	10
4.1- O ENSINO ATRAVÉS DOS CONTOS POPULARES	10
4.2- PARTE DIVERSIFICADA DOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA.	12
METODOLOGIA	13
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	16
REFLEXÃO TEÓRICA	16
FERRAMENTA PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	18
NOVA ALTERNATIVA DIDÁTICA	27
FERRAMENTA NO ÂMBITO DE PROCESSO DE FORMATIVO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	38

1. INTRODUÇÃO

As narrativas populares surgem inicialmente através da oralidade, como forma de contar histórias, contar suas experiências, como necessidade de se comunicar com outros, como forma de comunhão e interação social, podendo transmitir diversas informações contribuindo para a formação cultural das pessoas.

Para Stephens (1992) três são os componentes que envolvem a narrativa “história, discurso e significação”. A história está relacionada aos personagens, ao tempo e espaço em que acontecem os acontecimentos; o discurso diz respeito à forma como a história é apresentada; e a significação corresponde à interpretação que o ouvinte/leitor/espectador faz da história e do respectivo discurso.”

O Brasil é um país multicultural, e portanto, para pensar métodos de ensino deve considerar a diversidade cultural que há na escola, já que, quando adentramos no contexto da sala de aula não é uma tarefa tão simples, pois ainda encontram-se diversos desafios a superar quando se fala em diversidade cultural, apesar de estar cada vez mais presente nas discussões tanto no meio acadêmico quanto no campo escolar.

Muitos são os motivos pelos quais não há uma preocupação em se utilizar os conhecimentos locais dos estudantes no processo de ensino aprendizagem, como a pequena carga horária que é disponibilizada aos professores para que possa cumprir os conteúdos do currículo escolar; o próprio currículo escolar que pode apresentar uma deficiência que não permita atrelamento entre os conhecimentos locais e o conhecimento científico; a falta de formação continuada do docente; um número excessivo de estudantes nas salas de aulas ou falta de interesse por parte dos docentes. No atual cenário escolar, os saberes dos estudantes/ não acadêmicos têm sido deixados de lado no currículo formal de ensino, sendo que esses conhecimentos se mostram como um possível meio de conexão do professor com o meio em que eles vivem. Os professores precisam buscar alternativas para que em sala de aula os estudantes consigam apresentar os seus conhecimentos prévios e, a partir disso, serem abertos diálogos entre os diferentes tipos de conhecimentos, que são os culturais e os conhecimentos científicos.

Os conhecimentos implícitos nas narrativas populares podem ser importantes nos momentos de ensino, pois fazem parte do cotidiano dos estudantes, possibilitando as aulas mais dinâmicas e atrativas, permitindo que os mesmos tenham um contato maior com o seu objeto de estudo percebendo que os conteúdos trabalhados na sala de aula fazem parte do seu dia a dia.

Desta forma, a pesquisa busca, por meio de uma revisão de literatura, evidenciar a importância do uso das narrativas populares como subsídio didático para esclarecer e conscientizar os alunos com relação às questões ambientais.

A partir do interesse que a autora possui desde a sua graduação com trabalhos que envolvam os conhecimentos locais dos estudantes, surge então o seguinte questionamento: *De que forma os contos populares podem contribuir para um ensino que vise à formação de sujeitos preocupados com os problemas ambientais?*

2. JUSTIFICATIVA

O interesse pela pesquisa surgiu a partir da inquietação da autora ao fazer a leitura do artigo **Ensino de biologia e diálogo intercultural: possibilidades a partir de um conto** (BAPTISTA E ROBLES-PIÑEROS, 2017), que foi escrito a partir de anotações dos participantes referentes às suas leituras de um conto popular *-Aconteceu na caatinga-* com posterior análise do seu conteúdo para que fossem identificadas as possibilidades de diálogos para as aulas de biologia, indicando variadas possibilidades de conteúdos para trabalhar no processo de ensino, como linguagens, luz solar, formação geológica da Terra, estações do ano, ecologia da caatinga, controle biológico e conservação, solo e ciclo da água e antropomorfização.

Nesse contexto, o estudo realizado por ZURRA et al. (2015), aponta carência de trabalhos que abordem as relações entre a literatura popular local e o ensino. Sendo assim, esta pesquisa apresenta relevância para o campo das reflexões teóricas sobre o uso das narrativas populares (contos populares) como recurso no processo ensino-aprendizagem de temas relacionados às questões ambientais.

3. OBJETIVOS

3.1- OBJETIVO GERAL

Avaliar a importância do uso das narrativas populares como subsídio didático para esclarecer e conscientizar sobre as questões ambientais.

3.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar um levantamento de trabalhos sobre o uso das narrativas populares como recurso didático para esclarecer conceitos relacionados a temas ambientais.
- Evidenciar que as narrativas populares podem ser propícias para o processo de ensino aprendizagem.
- Apresentar e discutir os achados da literatura referente ao uso das narrativas populares na educação ambiental.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1- O ENSINO ATRAVÉS DOS CONTOS POPULARES

O conto popular, é “um tipo de narrativa que desenvolve traços que se repetem em histórias criadas nos mais variados locais e épocas e suas características composicionais não conhecem fronteiras de tempo nem de lugar” (MACHADO, 1999).

As narrativas populares em sua grande maioria originam-se de um contexto de origens remotas em que o ser humano possui uma estreita afinidade com o ambiente natural que o cerca, tendo um papel importante tanto no processo de formação das crianças e dos jovens, pois, contribui tanto para o seu desenvolvimento intelectual quanto emocional, por serem partes das suas realidades e dos seus antepassados. Sabemos que algumas famílias ainda tentam cultivar os saberes locais que foram repassados pelos seus antepassados em virtude de preservar a cultura e o meio natural em que estão inseridos. Muitos ainda preservam seus contos populares, tornando presentes os relatos daqueles que viveram ou vivem nessas localidades, como forma de compartilhar essas histórias para enfatizar o respeito e o temor que possuem do meio que os cercam.

Em uma sala de aula os professores se deparam com estudantes de diversas culturas e com uma bagagem ampla em saberes acerca da natureza, saberes esses que são construídos ao longo do tempo, em convivência com a comunidade, convivência com a família, ou por suas próprias experiências. Sendo assim, a escola possui um papel de extrema importância, que é de fomentar o diálogo entre os diferentes conhecimentos, já que a mesma se apresenta como um local composto por muitas culturas. Diante disso, é interessante que o professor crie oportunidades para que os estudantes se expressem sobre o meio em que estão inseridos, ressaltem suas dúvidas e inquietações em relação à geografia local.

Autores como Lopes (1999), defendem que os saberes prévios, incluindo aí os populares, devem fazer parte do cotidiano escolar, assim como fazem parte dos cotidianos dos estudantes. Cobern e Loving (2001) consideram que é de suma importância a inserção dos conhecimentos tradicionais nas escolas, desde que estes seja esclarecido as diferenças que existem entre esses conhecimentos e os conhecimentos científicos, sendo uma possibilidade de demonstrar aos estudantes que existem formas diferentes pelas quais a humanidade constrói conhecimentos na tentativa de compreender o mundo.

“Em algumas narrativas os conteúdos e processos das Ciências Naturais são pano de fundo dentro do enredo e aparecem em geral implícitos, ou seja, o professor que já domina os conceitos deverá identificar quais são os organizadores prévios e a partir deles quais os conceitos mais convenientes a serem explorados em cada narrativa. Para tanto, é fundamental que o professor fique atento à análise das narrativas e levante discussões e inicie suas explicações, embasados pelos enredos, assim poderão aumentar a chance do aluno aprender algo sobre o assunto, ou mesmo despertar sua curiosidade” ZURRA et al. (2015).

O ensino através das narrativas populares pode contribuir para que os estudantes reflitam criticamente sobre os conteúdos ensinados, emitindo sobre eles julgamentos e opiniões que poderão contribuir para os seus desenvolvimentos intelectuais, pois se acredita que os contos podem transmitir concepções coerentes ou mesmo equivocadas do ponto de vista científico, tendo, assim, importantes consequências nas aprendizagens (BAPTISTA E ROBLES-PIÑEROS, 2017).

ZURRA et al. (2015), ao trabalhar uma proposta de como utilizar narrativas populares das comunidades ribeirinhas da Floresta Nacional de Tefé como elemento

de transposição didática em Ciências Naturais, a autora concluiu com a pesquisa que o uso das narrativas populares para ensinar Ciências Naturais nos faz compreender que as diferentes formas de pensamentos desenvolvidas pelo homem podem resultar em diferentes explicações para os mesmos fenômenos da natureza e que as narrativas populares podem se tornar um elemento de grande potencial para o ensino, principalmente por desencadear o diálogo que estabelece as relações entre os diversos conteúdos, bem como a profundidade e a nossa familiaridade com esses mesmos conteúdos.

4.2- PARTE DIVERSIFICADA DOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

A parte diversificada complementa e enriquece a Base comum, respeitando características regionais e locais da sociedade, que tem como objetivo servir para que os profissionais da educação tenham a oportunidade de adequar seus currículos e práticas a realidade de onde a escola está inserida, podendo apresentar temas de relevância social e cultural de forma contextualizada com a realidade dos alunos e da comunidade como um todo, como forma de qualificar carências e necessidades das escolas brasileiras que experimentam diversos contextos culturais. Deve-se salientar que a parte diversificada não dar vazão para que haja alteração do que está previsto no documento da BNCC, mas sim inserir novos conteúdos integrados a ele que estejam de acordo com as competências já estabelecidas, podendo corresponder a até 40% dos currículos locais, cabendo aos profissionais definir os conteúdos que são relevantes para a realidade em que estão inseridos.

“A Parte Diversificada vai se constituindo, mediante o debate, em uma possibilidade de Sistemas de Ensino, escolas e professores pensarem os seus currículos sem que haja decisões curriculares definidas por organismos do Estado em âmbito macro. Diferentemente de outras políticas de currículo, as quais selecionam conhecimentos e saberes a serem desenvolvidos por meio de experiências nas escolas, a Parte Diversificada não sintetiza conhecimentos, mas é interligada a uma Base Nacional Comum, estando, portanto, à borda do fazer curricular dos sujeitos da escola” (PEREIRA E SOUZA, 2016).

Desde a Constituição Federal de 1988 que há preocupação com uma formação comum por meio de conteúdos mínimos destacando o respeito aos valores culturais, onde nos é colocado que “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988, p.122).

Várias concepções de como se constitui um currículo nacional e uma parte diversificada dos currículos vêm sendo expressas nos instrumentos normativos, expressa tanto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) quanto nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os diferentes níveis de ensino e também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996) no Art. 26 encontramos que “os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada,

em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.”

No Art. 14 das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCN) – Resolução CNE/CEB nº 04/2010 encontramos que “a base nacional comum na Educação Básica constitui-se de conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; e nos movimentos sociais.”, seguido do Art. 15 apontando que “a parte diversificada enriquece e complementa a base nacional comum, prevendo o estudo das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade escolar, perpassando todos os tempos e espaços curriculares constituintes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, independente do ciclo da vida no qual os sujeitos tenham acesso à escola.”

Os Parâmetros Curriculares Nacionais aponta a “necessidade de um referencial comum para a formação escolar no Brasil, capaz de indicar aquilo que deve ser garantido a todos, numa realidade com características tão diferenciadas, sem promover uma uniformização que descaracterize e desvalorize peculiaridades culturais e regionais” (BRASIL, 2001, p. 36).

5. METODOLOGIA

Esse trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida com base em material já elaborado (GIL, 2002). Esse tipo de pesquisa promove a análise e a sumarização dos dados advindos das publicações mais relevantes dentro do tópico em estudo, a fim de inspirar novas pesquisas ou reconciliar aquelas existentes (NAKANO E MUNIZ JR, 2018).

O método de pesquisa é do tipo qualitativo e toma como instrumento de análise textos em torno do objeto de estudo. Esse método de pesquisa demonstra a relevância da questão a ser respondida através de um estudo mais abrangente do tópico de pesquisa geral, podendo fazer uso de diferentes argumentos para a construção de um estudo mais inclusivo do que os que foram anteriormente publicados, demonstrando originalidade e o quanto necessário é o novo trabalho (DENNEY; TEWKSBURY, 2013).

Esse método trabalha com dados descritivos e os dados não são expressos em números, ou, então, os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise (DALFOVO et al, 2008).

Para a obtenção dos dados, inicialmente realizou-se um levantamento de trabalhos sobre o uso dos contos populares articulados à educação ambiental. Para tal, foi feito um levantamento nas bases de dados científicos do Google Acadêmico, Scielo e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) combinando os termos através dos conectivos lógicos (“AND”/“OR”).

As estratégias utilizadas foram (“narrativa popular” OR “conto popular”) AND (“educação ambiental”) e (“conto tradicional”) AND (“educação ambiental”). O

termo “narrativa popular” foi utilizado pelo fato de algumas vezes ocorrer como sinônimo para conto popular. A busca se restringiu apenas a artigos de periódicos e eventos científicos, teses e dissertações que tenham como foco o uso dos contos populares articulados à educação ambiental.

Considerando que a educação ambiental é um tema de caráter interdisciplinar e que não deve estar restrito a apenas uma disciplina isolada, os trabalhos selecionados estão relacionados a todas as disciplinas de qualquer nível e modalidade escolar.

Levando em consideração que ainda prevalecem na escola em relação à prática da Educação Ambiental ações multidisciplinares restringindo-se às questões socioambientais às disciplinas de geografia, biologia e ciências (JACOBI, 2007), realizaram-se as buscas através das palavras-chave, (“narrativa popular” OR “conto popular”) AND (“ensino de geografia”); (“narrativa popular” OR “conto popular”) AND (“ensino de ciências”) e (“narrativa popular” OR “conto popular”) AND (“ensino de biologia”), selecionando os trabalhos que envolveram temas relacionados à educação ambiental.

Ao decorrer da seleção dos trabalhos percebeu-se que o termo “causos” era recorrente, dessa forma, realizaram-se as buscas também através da palavra-chave (“causo”) AND (“educação ambiental”), já que segundo Polo (2010) causos é definido como narrativa oral curta, estando muito próxima do conto, podendo ser definido como conto realista, tendo origem em experiências e crenças ancestrais que combinam elementos do concreto, conectado a realidade, para dar credibilidade ao fato, ao mesmo tempo em que projetam o imaginário, diferenciando-se de outras narrativas ao situar a experiência humana em um tempo e espaço.

A escolha pelos periódicos online se deve ao fato que os trabalhos ali publicados normalmente são arduamente revisados e lapidados, a publicação on-line permite a divulgação do conhecimento com uma interatividade entre os autores e leitores, a facilidade de acesso, a rapidez na publicação, a atualização constante e o custo mais acessível (SOUZA, 2006).

Para seleção dos trabalhos buscou-se títulos e palavras-chave que remetesse aos temas “conto popular”, “narrativa popular”, “causo” e “conto tradicional”. Partiu-se, então, para a leitura dos resumos e, posteriormente, para a íntegra dos trabalhos que enquadraram no tema proposto. Entretanto, encontrou-se um número muito reduzido de trabalhos, apenas onze trabalhos tratavam sobre o uso dos contos populares articulados à educação ambiental.

Com a finalidade de aprofundar a pesquisa, optou-se por realizar também as buscas a partir dos autores levantados inicialmente, bem como das referências por eles utilizadas. Para tanto, consultou-se os currículos desses autores disponíveis na Plataforma Lattes, procurando outras publicações que estivessem disponíveis online. Nessa segunda estratégia, encontrou-se apenas mais dois trabalhos, totalizando então treze artigos/trabalhos a serem analisados.

Como forma de organizar os trabalhos e apresentá-los de forma didática, foram elaborados três categorias:

- **Reflexões teóricas:** Estudo que apresenta uma discussão teórica em torno dos causos/ contos populares e suas articulações com o ensino da educação ambiental.
- **Ferramenta para o ensino da educação ambiental:** Estudos que tiveram como objetivo avaliar as potencialidades do uso dos contos populares e causos como ferramenta para o ensino da educação ambiental.
- **Ferramenta no âmbito de processo formativo em educação ambiental:** Estudos que utilizaram os causos como instrumentos em processo de formação para professores.
- **Nova alternativa didática:** Estudo que propôs uma estratégia metodológica na qual as narrativas populares podem ser utilizadas para incitar as experiências prévias dos alunos.

Os trabalhos que compõem cada categoria são mostrados no quadro abaixo:

Quadro 1: Artigos selecionados por categoria

Categoria	Número de trabalhos	Autores
Reflexão teórica	1	FERREIRA, D. J. ; SILVA, A. A (2015)
Ferramenta para o ensino da educação ambiental	6	GOMES, I. S.; ARAUJO, J. de (2010); COUTO, M. A. ; DUARTE (2011); PRADO, NATHÁLIA LARISSA DO ; GONÇALVES, LAISE VIEIRA; NASCIMENTO JUNIOR, ANTONIO FERNANDES (2017); HENRIQUES (2016); SANTOS (2017); SANTOS (2018);
Ferramenta no âmbito de processo formativo em educação ambiental	4	HOFSTATTER (2013);HOFSTATTER, L. J. V.; OLIVEIRA, H. T (2015); HOFSTATTER, L. J. V. ; OLIVEIRA, H (2016); HOFSTATTER, L. J. V.; OLIVEIRA, H (2020)
Nova alternativa didática	2	ZURRA (2011); ZURRA et al (2015)

Fonte: Quadro elaborado pela autora deste trabalho.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 REFLEXÃO TEÓRICA

Ferreira E Silva (2015), em sua pesquisa através de um estudo dos causos contados por moradores do Povoado de Alecrim Miúdo- BA, analisando as narrativas e as diferentes representações sobre o seu cotidiano e as relações com o meio ambiente, buscou os possíveis pontos de encontro entre o conhecimento popular e os causos contados como forma de compreender diferentes abordagens, simbologias, saberes no âmbito de interação entre ser humano- natureza, estabelecendo íntima ligações com as narrativas e a oralidade local.

Para a coleta dos dados foram escolhidos e ouvidos seis contadores, incluindo dois jovens de 13 anos e quatro contadores com idade a partir de 50 anos, todos moradores do povoado e que foram ouvidos em suas residências com o auxílio de um roteiro elaborado pelos pesquisadores, registrando os causos através de gravação de vídeo juntamente com registros fotográficos como forma de capturar os movimentos corporais e os diferentes cenários onde eram contados, de forma a revelar certos significados emotivos, gestuais e sonoros que poderiam transparecer nas vozes, o que ajudaria o ouvinte na compreensão do que estava sendo relatado. Com a autorização de todos os participantes foram utilizados seus nomes e apelidos, não existindo nomes fictícios.

Os autores enfatizam que os causos estavam relacionados com cotidiano/trabalho, cotidiano/ fauna e flora e causos múltiplos.

O primeiro caso apresentado foi relatado pela Dona Pedra de 86 anos que foi considerado pelos autores com bastante potencial para a discussão sobre a relação existente entre animais e o ser humano. O conto em questão fala sobre a vivência que a contadora teve com a cobra, onde é apresentada em sua respectiva forma animal mas apresentando características e comportamento humano, mamando no peito de sua mãe logo que a criança nasce e encontrando uma estratégia para que o bebê não chore ao ser retirado do peito, que é colocando a ponta de sua cauda na boca da criança e dessa maneira não ser descoberta durante a noite. Essa tática da cobra deixa a contadora extremamente admirada pelo animal.

Com isso, os autores fazem o seguinte questionamento: mas qual o papel dos animais nos causos relatados? E porque a necessidade de se aproximar estes do comportamento do homem? Os autores apontam que o caso foi uma maneira dos sujeitos falarem sobre a natureza e expressarem sua forma de compreendê-la, já que a íntima relação dos sujeitos dos animais pode ser um fator que influencia na presença constante dos animais nos causos. Com isso, percebem que os causos são uma forma para o cuidado com o meio ambiente, se entendido como o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas em interação.

Olhando para o caso contado por Dona Pedra fica claro o tipo de relação existente, que é o de medo e de admiração. Desta forma, Ferreira E Silva (2015) aponta que meio ambiente é natureza, é tradição, é estória, é tudo aquilo que é percebido, sentido e construído pela relação dos sujeitos consigo mesmo e com o

meio natural e concluindo que os contadores com seus causos, são vistos como essenciais para uma inter-relação harmoniosa e que são importantes para a sensibilização e o respeito com o meio, preservando não somente os animais, plantas e rios, mas também as relações humanas culturalmente enriquecidas.

O segundo causo relatado pelos autores demonstra que o contador além de contar suas histórias, também evidenciam histórias do ambiente em que pertencem, com detalhes sobre a natureza, sobre atividades agrícolas e econômicas da região em que viveram, sendo passado de geração a geração. Esses detalhes trazidos nos causos são importantes para que os que ouvem se atualizem sobre o seu contexto, tempo e espaço, mantendo viva as memórias e tantos ensinamentos embutidos neles, já que partilham de muitas experiências com a comunidade e com a vida no campo.

Segundo os autores, os causos contados pelos entrevistados demonstram que se afluam geralmente quando se realiza alguma atividade cotidiana, que demonstram sua vida e suas labutas, e traçam de maneira detalhada o ambiente em que um dia viveram pois descrevem com grande riqueza de detalhes. Com isso, apontam que os causos podem ser utilizados para prática educativa se pensar que a educação ambiental possa ser um espaço de possibilidade, reconhecendo seu potencial de atingir de maneira diferente os ouvintes, obtendo uma forma de dialogar precisamente sobre determinado tema, utilizando o saber popular.

Pensando na forma como os causos são relacionados a experiência que alguns indivíduos possuem com as plantas, animais, com o trabalho e demais componentes de suas vivências, o texto traz um causo falando sobre a relação que uma contadora tem com as plantas que circundam a sua casa. Os autores relatam que durante a contação do causo em questão eles estavam na janela da casa da mesma observando os elementos do causo, pois a maioria das plantas que são utilizadas como medicamentos estavam presente no quintal e os conhecimentos adquirido sobre o seu uso foram passado de geração a geração, demonstrando mais uma vez a íntima relação dos contadores com o ambiente que os circundam e a importância de se manter viva a contação dos causos de forma que as gerações futuras conheçam e entendam a potencialidade do seu local de vivência.

Nota-se que há uma relação muito próxima dos contadores com as plantas, em vista que muitos as utilizam como alimento ou de forma medicinal. Pasa (2004), diz que a produção nos quintais permite que a população mantenha uma baixa dependência de produtos adquiridos externamente, conservando assim a riqueza cultural e os recursos vegetais, fundamentada no saber e na cultura dos moradores locais.

As plantas que são utilizadas na alimentação pelas famílias, normalmente são plantas provenientes do entorno local. Deve-se destacar ainda, que a produção de alimentos de forma familiar tem como finalidade melhorar a qualidade de vida e, até mesmo, aumentar a renda total. Além disso, o autoconsumo representa uma garantia de qualidade dos produtos consumidos pela família, que sabem a procedência dos alimentos, fato que proporciona uma alimentação mais saudável (LEITE; BERGAMASCO, 2005).

Pensando que muitos alimentos consumidos e comercializados por alguns moradores da zona rural vem dos seus quintais, surge então a oportunidade de abordar tanto na educação formal como na educação não-formal temas relacionados aos agrotóxicos, em vista que muitos agricultores fazem sua utilização levando em consideração apenas a obtenção de lucros e o aumento da produção em sua propriedade, esquecendo-se dos efeitos colaterais que o uso indiscriminado dos agrotóxicos podem causar.

Visto que agrotóxicos é uma temática que permite desenvolver conceitos químicos, biológicos e ambientais, é possível gerar resultados mais amplo da realidade, conseguindo vincular a aprendizagem a situações e problemas reais.

Se tratando da educação formal, Azevedo (1999), relata que é imprescindível que os profissionais de todas as áreas da educação tragam esse tema para o cotidiano das salas de aula, tendo que dar sua contribuição para a construção de uma cidadania ecologicamente correta. A pessoa que trabalha com agrotóxicos insere-se numa classe trabalhadora que, a longo ou médio prazo, vai apresentar problemas de saúde, na maior parte das vezes por falta de informações, cabendo aos professores o papel de alertar os alunos e conseqüentemente seus pais, despertando-lhes pensamento crítico, para que, dessa forma, possam interferir de forma positiva em seu cotidiano.

Desta forma, esse caso relatado mostra-se com grande potencial para o ensino da educação ambiental podendo através destes conhecimentos desenvolver atividades educativas junto aos moradores com a finalidade de contribuir com a preservação dos saberes locais e com a conservação das plantas nativas.

6.2 FERRAMENTA PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Foi agrupado nesta segunda categoria os trabalhos que trouxeram contribuições sobre os contos populares/ causos como ferramenta para o ensino da educação ambiental.

Couto E Duarte (2011), em sua pesquisa buscou responder ao seguinte questionamento: Qual a importância das narrativas e causos ribeirinhos como instrumento de sensibilização à educação ambiental?

O trabalho teve como objetivo principal desenvolver um trabalho de sensibilização ambiental dos alunos por meio da escrita de textos, da aplicação, de análises e debates de causos coletados na região. Como metodologia de pesquisa, utilizou-se de revisão bibliográfica com a finalidade de embasar teoricamente o tema abordado e estudo de caso numa escola na rede pública de ensino com sessenta e quatro alunos da 5^o série, durante uma aula semanal das aulas de língua portuguesa num momento chamado de “hora do caso”.

Geralmente encontramos as questões ambientais ligadas às disciplinas de ciências, biologia e geografia ou a algum projeto que será desenvolvido em datas comemorativas, mas à educação ambiental assume uma ampla dimensão e deve atingir todas as áreas do currículo. De acordo com o artigo 10 do Plano Nacional de Educação Ambiental - Lei 9795/99, “a educação ambiental não deve ser implantada

com uma disciplina no currículo de ensino”, mas de forma integrada, permeando todos os níveis e modalidades do ensino formal.

Buscou-se trabalhar junto aos alunos da escola a relevância do tema Educação Ambiental sob o enfoque linguístico, por meio de narrativas e causos coletados na região do Alto São Francisco, particularmente nas regiões ribeirinhas da cidade de Bom Despacho e de Martinho Campos, situadas no estado de Minas Gerais.

Logo após a pesquisa bibliográfica, seguiu-se para o estudo, coleta e seleção de causos e modas de viola a serem trabalhados com os alunos, com o objetivo de averiguar na prática a eficácia do uso dessas narrativas ribeirinhas para a sensibilização ambiental dos alunos. Sessenta e quatro estudantes fizeram a coleta dos causos com os seus familiares, vizinhos, idosos e em material impresso, dentre eles, dez trouxeram causos inéditos, sendo um deles adaptado e reescrito pela professora para dramatização por alunos alunos. Para prosseguimento ao estudo de caso, os alunos foram submetidos a questionário qualitativo semi estruturado após o trabalho com os causos.

Vemos que para a coleta dos dados os estudantes recorrem aos seus familiares e a comunidade, mostrando como estes têm um papel importante no processo de ensino. Sabemos que a comunidade tem muito a nos oferecer com os seus conhecimentos, como vemos no trabalho apresentado a contação de histórias é um deles.

Por meio dos questionários, os autores perceberam melhora na participação dos alunos, interesse pela estratégia de aula, assim como sensibilização acerca dos problemas que podem advir da não conservação do meio ambiente com que a sociedade humana interage. Dentre as respostas apresentadas, somente um aluno respondeu que já era acostumado a ouvir causos nas aulas ou em casa, enquanto que a maioria absoluta respondeu que não havia, entre eles, este costume, o que fez com que os autores fizessem à suposição de que não há o interesse por parte dos professores pelo uso dos contos e causos, com o objetivo de aproximar seus educandos da realidade, fazendo com que possam se sensibilizar com as questões ambientais que se apresentam.

O uso dos saberes locais dos estudantes durante o ensino, pode se tornar uma dificuldade para os professores, visto que este ensino apresenta-se como mais exigente, uma vez que requer criatividade, tempo e interatividade de contextos distintos (científico e empírico), de abertura ao inusitado, ao desconhecido, o que exige ousadia, criatividade e um esforço constante na construção contínua do conhecimento com os alunos (SILVA et al., 2020).

Realizar esse diálogo intercultural imprime um novo ritmo ao trabalho docente e exige a resignificação de práticas pedagógicas. Para Candau (2002), “a cultura escolar predominante nas nossas escolas se revela como ‘engessada’, pouco permeável ao contexto em que se insere aos universos culturais das crianças e jovens a que se dirige e a multiculturalidade das nossas sociedades”. Desconstruir o caráter “engessado” e homogeneizador dessas práticas e reconstruir propostas de trabalho inovadoras, contextualizadas e com ênfase na diversidade é outro grande desafio para os professores.

O estabelecimento desse diálogo e do encontro com o outro diferente é um grande desafio para os professores que, na maioria das vezes, são formados para uma educação monocultural. Jesus (1998) afirma que a formação é a unidade essencial para a melhor atuação profissional e deverá ter como foco um processo de formação orientado para o desenvolvimento de qualidades pessoais e interpessoais que possam contribuir para uma prática de ensino personalizada e para o sucesso profissional do professor.

Bastos (2015) diz que, é imprescindível que o professor compreenda as diversas demandas contemporâneas, perceba o seu papel como agente de transformação e, conseqüentemente, estimule os educandos, considerando as suas especificidades, a perceberem, a discutirem e a buscarem soluções para a realidade social na qual estão inseridos.

Quando questionados se após a atividade desenvolvida, o interesse em ouvir causos aumentou, quarenta e quatro estudantes responderam que muito, treze disseram que pouco e sete salientaram que não, mostrando que houve uma grande aceitação da nova metodologia de ensino empregada pela professora, a qual incluiu não só o ensino da Língua Portuguesa, como também a sensibilização ambiental, através do uso de causos. Em relação ao resultado da avaliação dos alunos sobre o envolvimento no projeto de educação ambiental, ouvindo, coletando e analisando causos se isso provocou mudanças significativas no seu comportamento socioambiental, 46 alunos responderam que sim, o que demonstrou uma interferência muito significativa da educação ambiental após o trabalho de pesquisa com as narrativas dos causos.

Verificou-se, portanto, que a metodologia aplicada com causos, narrativas e modas de viola foi significativa e pode ser utilizada em outros contextos e outras escolas, como ferramenta de grande valia na formação do futuro cidadão.

Prado, Nascimento e Junior (2017), apresentam uma metodologia desenvolvida na disciplina de Metodologia do Ensino em Biologia, ofertada pelo curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras - MG que teve como objetivo o desenvolvimento de uma aula não expositiva e que dialogasse com o Tema Transversal Pluralidade Cultural presente nos PCN, que consistiu na construção do conceito conservação da biodiversidade através da visita guiada a um museu para exibição de uma foto de uma pele de onça-pintada e a utilização de um caso caipira criado por uma das integrantes do grupo a partir de pesquisas e de outros causos lidos intitulado “Na Fazenda”, como problematizadora a fim de construir o conceito de conservação da biodiversidade.

Como forma de problematizar outras causas para morte da onça além da caça, à integrante trouxe indagações em relação ao caso e elementos ambientais, sociais e econômicos, como a caça ilegal, o avanço econômico e a perda de áreas de proteção, atropelamentos, o esporte da caça, a falta de informação, perda do habitat e ida dos animais para as proximidades de sítios e fazendas, etc. Os alunos tiveram um momento para a criação e compartilhamento dos seus próprios causos sobre a conservação da biodiversidade.

Os autores concluíram que foi possível observar que a utilização de métodos não tradicionais de ensino, como o conto de causos, atrai a atenção dos alunos, desperta a curiosidade e o interesse do conteúdo a ser trabalhado e que as problematizações e discussões feitas também levaram os alunos a refletirem questões importantes que contribuem para o despertar de uma visão crítica e reflexiva sendo estas fundamentais para a tomada de uma consciência ambiental crítica. A partir da prática realizada, pode-se sugerir que esta contribuiu para uma construção mais significativa do conceito de conservação possibilitando a tomada de uma consciência ambiental, bem como o desenvolvimento de pensamento e ações críticas e autônomas sendo estas questões fundamentais para formação de professores e para a inserção de tais temáticas no ambiente escolar.

Ao olhar para a comunidade de Rio Bonito, os autores GOMES E ARAÚJO (2010) notaram que na região não havia nenhum trabalho educativo de conscientização e de reflexão e com informações a população sobre as principais questões ambientais, mesmo que nos últimos dez anos o lugar havia se tornando um pólo turístico considerável, tendo um incremento populacional cada vez maior. Além das mudanças na forma de busca pela sobrevivência, o distrito estava sofrendo transformações tanto na flora como na fauna, estava tendo a poluição dos recursos hídricos, desmatamentos, o crescimento considerável da população e o aumento de construções irregulares, com isso, o trabalho teve como objetivo fazer um diagnóstico socioambiental junto com a comunidade local dos seus problemas para posteriormente realizar atividades educativas de cunho ambiental na escola municipal Nossa Senhora de Nazaré, com estudantes cursando do 1º ao 3º ano do ensino fundamental que estavam contidas em 14 famílias.

Para fazer um diagnóstico acerca dos principais problemas locais, utilizou-se como instrumento para a coleta dos dados a entrevista semi-estruturada com as famílias dos estudantes selecionados que deveriam morar na região, com duas professoras e com a diretora da escola. A partir dos principais problemas apontados foram priorizadas aquelas de ordem ambiental, tais como: a poluição do rio, o lançamento dos resíduos sólidos em locais não apropriados e a caça armada.

Foi então escolhida como estratégia para trabalhar as questões socioambientais a contação de estórias que foram desenvolvidas e implantadas considerando a faixa etária e o ano escolar dos alunos, adequando o vocabulário e agregando a sua estrutura elementos da região onde as crianças moravam e as problemáticas apontadas no diagnóstico com os pais durante as entrevistas. Três estórias foram adaptadas para o momento da contação, dentre elas um caso intitulado “protegendo os animais: Anhangá”, que é um personagem folclórico do norte do Brasil, nesse caso que foi contado como se tivesse ocorrido com um morador local, os caçadores vão para a mata e no momento em que encontra os animais da caça, o Anhangá aparece e faz os caçadores fugirem assustados.

Como forma de avaliar qual das estórias os alunos mais gostaram e se realmente foi alcançado o objetivo proposto, foi pedido que os alunos fizessem desenhos acerca da estória que mais gostaram, devido ao fato de que muitos daqueles alunos ainda não sabiam escrever. Para os estudantes que desenharam a estória da caça realizou-se

uma atividade na qual fizeram um círculo e representaram dois pássaros, dois tatu, uma planta, duas cobras e um gavião, e a partir daí, cada qual mostrou como aqueles agiriam no seu ambiente devendo movimentar-se conforme tais animais e o que cada um comeria. Constatou-se que o pássaro e o tatu dependem da planta; a cobra come o tatu e o pássaro e o gavião come a cobra, mas o homem chega a esse lugar e mata um pássaro e prende o outro e eles não fazem mais a dispersão das sementes. Como consequência, não nasce mais planta e o tatu, então, morre de fome, a cobra fica sem os pássaros para se alimentar e procura alimento até morrer de fome, e o gavião, por fim, também não resiste. Até que o próprio homem morre de fome, pois a sua fonte alimentar se foi esgotando.

Após um momento de questionamento aos alunos, pode-se avaliar que eles captaram a mensagem do caso da caça e o que esta atividade descontrolada pode causar. Com isso, os autores constataram que através das atividades propostas os alunos puderam compreender a realidade que os cerca sob uma ótica diferente, possibilitando a construção de uma reflexão crítica acerca do espaço, das relações e do contexto local. O diálogo com a realidade vivida diariamente permeou as práticas educativas posteriores, de forma que os educandos aprendessem melhor os conteúdos escolares.

A contextualização no ensino pode contribuir significativamente no processo de ensino-aprendizagem e contrapõe-se ao ensino conteudista. Silva et al. (2020) refere-se ao ensino contextualizado como um processo de relação de novas ideias com os conhecimentos prévios que os estudantes possuem sobre determinado conteúdo, atribuindo novos sentidos às informações que são passadas em sala de aula.

A necessidade da contextualização do ensino, surge no momento em que o modelo de ensino tradicional passa a predominar nas escolas, no qual os conteúdos são apresentados de forma fragmentada e não conexa com a realidade dos estudantes. O ensino tradicional que é ainda bastante presente nas práticas escolares, é uma tendência pedagógica com a finalidade de levar ao aluno o produto final da atividade científica, ou seja, o conhecimento já pronto e organizado, preocupa-se apenas em disseminar um conhecimento que seja simplesmente reproduzido das situações originais de sua produção, apresentando os conteúdos escolares na sua forma mais abstrata (FRACALANZA; AMARAL; GOUVEIA, 1986).

Um ponto merece atenção. Quando as professoras e a diretora foram questionadas sobre acharem que em Rio Bonito existiam problemas ambientais, 67% responderam que não, com isso os autores constataram que o corpo docente que estava no local há pouco tempo desconhece muito dos problemas regionais, já que 71% das famílias respondeu que sim.

Ainda vemos em muitas instituições o professor como aquele que tem o papel de repassar os conteúdos/ informações e os alunos como aquele que tem o papel de memorizar o assunto que deve ser aplicado nas provas finais de cada unidade, sem nenhuma reflexão ou indagação do que estar sendo abordado, reforçando a falta de interesse de muitos docentes em não se preocupar em conhecer os problemas que cercam o local em que lecionam. Oliveira (2014) afirma que o papel do docente não

consiste somente na transmissão dos conhecimentos, mas na contextualização, no conhecimento do aluno para saber o que irá ensinar, para quê e para quem de modo que vise de que forma o aluno poderá pensar criticamente e utilizar o que aprendeu em sala não apenas em suas avaliações, mas em sua prática social.

O professor precisa estar atento à realidade do entorno escolar, com o intuito de compreender os problemas locais, buscando abordar em sala essas situações problemáticas vivenciadas pelos estudantes e seus familiares, compreendendo que a comunidade possui sua realidade, sua vivência e que o processo de ensino pode ser um alicerce para dar resposta a problemáticas e/ou situações que possam se apresentar.

Mas porque será que em meio a tantas discussões acerca do modelo de ensino transmissivo ainda há essa prática em muitas salas de aula? Além da necessidade de ressignificação que é exigido do professor, Da Silva (2008) traz uma importante discussão quanto a aceitação dos estudantes ao se trabalhar em sala de aula o seu cotidiano, visto que muitos alunos quando se deparam com essa atitude acreditam que o professor estar apenas "matando o tempo" da aula, acreditam que o que está sendo trabalhado não faz parte do conteúdo que está programado ou o que os livros didáticos trazem.

Este comportamento dos alunos pode estar atrelado ao apego do livro didático, que é uma tradição tão forte dentro da educação que o seu uso não depende apenas dos professores, já que para os pais e a organização escolar como um todo o uso dos livros didáticos continua sendo o melhor caminho para a construção do saber, fazendo com que a aprendizagem relacionada a educação ambiental fique restrita apenas às datas comemorativas como normalmente são abordadas nos livros didáticos.

Dentre os trabalhos de dissertação encontrados estão o de SANTOS (2017) que foi desenvolvido com estudantes do 4º ano da educação básica da escola Regime de convênio Monsenhor Azevedo, oriundos da ilha do Combu que fica em Belém do Pará. Tratou-se especificamente de práticas didáticas de caráter interdisciplinar e transdisciplinar, cuja pretensão foi resgatar a cultura local por meio dos contos de tradição oral, bem como mobilizar atitudes reflexivas sobre o contexto ambiental relacionando um dos problemas mais destacados no meio de comunicação: a falta de água em determinadas localidades.

A pesquisa teve objetivo geral investigar como as histórias de tradição oral amazônica podem ensinar na Educação em Ciências, sobretudo as que tratam do tema água, sendo mobilizadora do modo de lidar com o ambiente.

O trabalho buscou estudar o contexto histórico dos contos, principalmente os que estão diretamente envolvidos com o tema água, e, com isso, fazer planos de aula, numa perspectiva inter/transdisciplinar, que possam contemplar os conteúdos do desenho da grade curricular de ensino do estudante do 4º ano do ensino fundamental. Os estudos trazidos para esclarecer sobre o contexto histórico são as histórias de tradições orais Amazônicas, em particular as que abordam o tema água, uma vez que essas vêm sofrendo rupturas no ambiente escolar por serem utilizadas na maioria das vezes como leitura complementar, e não sendo explorado o significado real do ambiente natural Amazônico.

Para tal, a pesquisa propôs um processo de ensino que permitiu às nove crianças e aos pais delas registrarem alguns contos dos seus antepassados que residiram e residem na ilha do Combu. Os estudantes que fizeram parte da ação metodológica eram todos do 4º ano das séries iniciais da escola Monsenhor Azevedo, alguns pais, oriundos da ilha do Combu, e a professora autora do trabalho.

Os resultados apresentados foram de cinco alunos, pois durante as atividades desenvolvidas foram os que apresentaram maior motivação e que pouco faltaram aos encontros, sendo que duas dessas crianças foram identificados pela professora com comportamentos hiperativo e falta de atenção nas aulas, e que, no entanto, foram demonstrando grande interesse pelas atividades ao decorrer dos encontros. Foram planejadas dez planos de aulas que visavam possibilitar e fomentar mudanças de postura em relação ao ambiente de morada dos estudantes, além de temas específicos do ensino de ciências, de forma que mobilizem reflexões sobre como utilizar os recursos hídricos, em suas residências, e a preservação dos rios, que estão próximo de seus lares, por meio de pequenas mudanças de comportamento e de hábitos, que possam conservar a cultura local e a beleza natural do espaço, mas apenas setes foram realizadas com o enfoque para a preservação da água.

Os planos de aula em que utilizaram os contos foram a aula três, quatro e seis. Na aula três, o conto utilizado foi o do boto, narrada no livro *Lendas e Mitos da Amazônia*. O objetivo da aula era trabalhar com o gênero carta, ressaltando a importância da preservação, já que a população dessa espécie vinha diminuindo, a cada ano, por conta da caça predatória, para entender o porque dessa redução na espécie foi apresentado um vídeo que tratava sobre a matança do boto na Amazônia para servir de isca na pesca.

Logo após à apresentação do vídeo e a leitura do conto foi solicitado aos estudantes que escrevessem uma carta ao Secretário do Meio Ambiente, sobre a importância do boto na Amazônia, solicitando que ele tomasse as providências necessárias a fim de que a espécie não desapareça dos nossos rios, os quais de forma individual produziram as suas cartas. Nas cartas foi possível notar a preocupação que os estudantes tinham em manter os seres dos rios intactos, já que fazem parte da natureza, e é por meio deles que se tem o equilíbrio da cadeia alimentar aquática e terrestre, notou-se à relação do homem com à natureza e o temor e respeito pelo encanto sobrenatural do boto.

A autora ainda ressalta que a atividade despertou nos estudantes lembranças ao contarem histórias vividas por seus antepassados a respeito da espécie aquática do boto, que devido ao seu poder sobrenatural era respeitado pelos povos ribeirinhos e caboclos da Amazônia em seu ambiente natural. A autora notou que os alunos estavam muito motivados com as atividades desenvolvidas.

Na aula quatro, foi trabalhado a atividade sobre a importância da água com o conto da Iara, que é vista como a protetora dos rios, como ser que encanta e seduz, porém, em uma nova roupagem que se faz dos contos tradicionais, percebe-se uma Iara preocupada com seu habitat e com todos os seres que vivem no ambiente aquático. Após a leitura do conto foi exposto um vídeo falando sobre o ciclo da água

e de que modos as pessoas podem utilizar e reutilizar a água de forma consciente em suas residências.

Com isso, os estudantes produziram pequenos textos escritos ou com gravuras retiradas de revistas com ligação ao tema proposto, introduzindo conceitos do conto da Iara, tais como, água, cultura, viver, banho e invasores. Observou-se através dos textos que aulas despertavam reflexões de mudanças de postura em relação ao seu ambiente de morada. Assim como os que produziram seus textos por meio de recortes em revistas e jornais, que mostravam as áreas poluídas, e pequenas narrativas de como deveria ser um espaço saudável para se viver, nos ambientes aquático e terrestre.

Uma estudante relatou sobre a proteção que a Iara proporciona aos rios, e de como a sereia fica triste ao ver invasores que jogam lixo no rio. Quando feita a visita a residência da sua avó, a mesma confirmou que a sua neta havia ressaltado essa preocupação devido ter escutado uma história que havia acontecido há sessenta e dois anos atrás. Muitos dos textos produzidos pelos estudantes traziam ideias que estavam conectadas com as suas próprias vivências do convívio familiar, demonstrando que as atividades não ficaram estagnadas em uma única ciência. Percebe-se então a importância da ressignificação que ela faz com as histórias contadas pela sua avó.

No momento seis, o tema água foi tratado através do conto da grande e do peixe-boi em uma versão ecológica que visa à preservação da espécie aquática e de seu habitat natural, seguida da demonstração de um vídeo que mostrava a causa de as espécies estarem correndo risco de extinção. Logo após, os estudantes foram convidados a desenvolver um texto reflexivo sobre o meio ambiente atual dos peixes-bois-marinhos e da cobra, usando os conceitos dos contos: aventura, mergulhar, noite, rios, desaparecendo.

Nos textos observou-se a preocupação quanto à importância de se preservar a espécie do peixe-boi, e de cuidar do seu ambiente natural, já que ele depende de diversos fatores biológicos desse espaço natural para sobreviver.

Foi destacado no texto a preocupação que uma estudante teve em relação ao seu espaço ambiental, de preservar as espécies terrestres e aquáticas do peixe-boi e da cobra grande, já que os seus pais eram agricultores e precisam da mata e dos rios para continuar tirando seu sustento. Diante disso, a autora fala sobre a importância de trabalhar com o ensino de ciência, usando os contos populares locais, pois permite esclarecer a própria população da importância dos recursos naturais e de como pode ser pensada a afirmação de compromissos sociais com a comunidade.

Com isso, a autora conclui que buscar resgatar os contos de tradição oral com o tema dos recursos hídricos, permitiu que fosse criada novas práticas de ensino amplo com foco na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, buscando valorizar os próprios conhecimentos prévios das crianças, respeitando suas limitações e dificuldades com relação a assuntos que são pouco debatidos no ensino de ciências, principalmente nos anos iniciais de ensino, e as atividades produzidas pelas crianças, no decorrer das aulas, mostraram-se motivadoras de ações e atitudes reflexivas.

O trabalho de SANTOS (2018), descreve a sequência didática que foi desenvolvida durante a pesquisa de mestrado e um dos seus resultados que já foi apresentado anteriormente neste trabalho.

Diferente dos demais autores que utilizaram contos populares das regiões onde a pesquisa estava sendo aplicada, Henrique (2016) pretendeu perceber o modo como os contos populares de outras culturas podem se inserir na educação ambiental e explorar formas de abordá-los que sejam promotoras do interesse e do questionamento das crianças na primeira fase do ensino fundamental I, através do desenvolvimento de um projeto. O trabalho foi desenvolvido através da revisão de literatura e elaboração e aplicação de um plano de ação pedagógica.

Como forma de apresentar a tundra do norte do Alasca e o povo Inuit e a floresta tropical da Amazônia e o povo Ticuna, foram utilizados como mediação a narração de contos proveniente do repertório oral desses povos.

A escolha dos contos se baseou no fato de que as crianças possuem bastante interesse por animais e lugares exóticos e dessa forma ser um bom ponto de partida para um trabalho de projeto sobre a educação ambiental. Os contos escolhidos foram as asas da borboleta, um conto da floresta Amazônica e o outro denominado a velhinha e o seu urso, um conto do povo Inuit. A proposta foi desenvolvida numa sala de jardim de infância composta por dezessete crianças e executada durante um período de seis dias.

Dos quatro dias iniciais, o primeiro e o segundo dia destinaram-se à apresentação da tundra do Alasca e dos Inuit em duas etapas distintas e complementares, a partir do conto A velhinha e o seu urso. O terceiro e o quarto dia destinaram-se à apresentação da floresta tropical da Amazônia e dos Ticuna a partir do conto Asas de borboleta.

Durante a leitura dos contos a autora buscou compreender como as crianças reagiam às histórias, sempre dando espaço para que elas comunicassem o que mais lhes parecia relevante, se consideravam que aqueles locais realmente existiam e se gostariam de explorar alguma informação sobre os locais citados. Para que as crianças se sentissem bastante familiarizadas aos locais que estava sendo apresentados, a pesquisadora durante a narração do conto à velhinha e o seu urso, pediu para que as crianças vestisse os seus agasalhos, colocassem as luvas e cachecóis pois estavam se deslocando para um local com bastante frio. Nas demais atividades foram utilizadas fotografias, pintura, jogos, desenho e apresentação dos desenhos realizados, de forma que pudesse captar os que as crianças tinham aprendido dos contos.

Em seus resultados, Henriques (2016) aborda que a apreensão de perspectivas sobre o mundo e de hábitos inerentes à cultura dos povos teria sido um fator que influenciou a compreensão de noções de sustentabilidade e interferência por parte das crianças. Durante as atividades realizadas após a narração dos contos demonstrou que ficou claro que qualquer um dos locais abordados se encontram mais exposto ao perigo devido ao uso dos seus recursos naturais, como demonstrado por uma das estudantes quando relatou sobre o uso da pele dos animais para se protegerem do frio.

Durante a última atividade, os alunos puderam relatar o que haviam descoberto sobre os problemas que a tundra e a floresta tropical enfrentavam, e os principais problemas mencionados pelas crianças foram a desflorestação e o aquecimento global, associando os problemas que descobriram ao sofrimento que estes causaram aos animais e aos povos por quem se haviam afeiçoado nas semanas anteriores e desejaram, prontamente, mobilizar-se para alterar o seu destino.

Aqui vemos a importância de desenvolver a temática relacionada à educação ambiental como forma de gerar benefícios para a sociedade e formar cidadãos conscientes com os cuidados que deve-se ter em relação ao meio ambiente. Grzebieluka, Kubiak e Schiller (2014) afirmam que a curiosidade, o gosto com o contato com a natureza e da observação de como os animais se comportam pode ser uma excelente oportunidade para o desenvolvimento da educação ambiental, pois quanto mais cedo a criança vivencia experiências que estimule o respeito, a harmonia e o amor pelo meio ambiente, melhores adultos serão sendo formados, capazes de transformar e modificar o mundo em que estão inseridos.

Um ponto importante relatado foi em relação a redução do uso do papel, a separação do lixo e ao uso ponderado da água das torneiras das escolas terem tido melhoras significativas no comportamento de muitas crianças. Essa atitude das crianças pode indicar que as mudanças de comportamento podem ter acontecido não apenas no espaço escolar mas também em seus lares.

David (2017) diz que é de suma importância a educação ambiental na infância, pois é onde há um maior acompanhamento dos pais no processo de aprendizado de seus filhos, o que pode ajudar a conscientização além da escola.

Em conclusão, a autora aponta que os contos utilizados permitiram às crianças o desenvolvimento de um sentimento de proximidade com os costumes e com as perspectivas de vidas veiculadas através da abordagem subjetiva do mundo que o conto pode transportar. Outra questão apontada foi o fato das crianças terem revelado que aprenderam após a narração dos contos e durante a exploração dos hábitos e costumes dos Inuit e dos Ticuna, a vulnerabilidade destes povos perante o meio, mostrando compreender, posteriormente, em conversas orientadas e em momentos de brincadeira livre, que os recursos do planeta são esgotáveis e que apenas devemos utilizar, para consumo próprio, aquilo de que necessitamos.

6.3 NOVA ALTERNATIVA DIDÁTICA

ZURRA (2011), apresenta em sua dissertação uma reflexão acerca dos tipos de conhecimentos implícitos nas narrativas das populações ribeirinhas da Floresta Nacional de Tefé (FLONA) e sua aplicação prática no processo ensino-aprendizagem de Ciências Naturais, que teve como objetivo evidenciar que narrativas como o conto, o mito e a lenda funcionam como estimulante cognitivo, despertando a curiosidade e fomentando novas perspectivas de compreensão dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. A investigação buscou saber como é possível transpor os conhecimentos científicos em diálogo com os saberes

tradicionais encontrados nessas narrativas populares no espaço da sala de aula multisseriada composta por estudantes do ensino fundamental.

O trabalho teve o seguinte questionamento: Como elaborar uma cadeia de transposição didática utilizando-se dos conhecimentos científicos e culturais contidos nas narrativas das populações tradicionais ribeirinhas, com vistas à melhoria do processo ensino aprendizagem em Ciências Naturais, em escolas rurais compostas por turmas multisseriadas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental?

A pesquisa foi desenvolvida juntamente com alunos e professores de uma turma multisseriada do ensino fundamental e com sujeitos participantes da comunidade, pais ou avós dos alunos sujeitos da pesquisa, que eram considerados os contadores oficiais de histórias das comunidades.

O primeiro passo desenvolvido foi o contato com as comunidades e os sujeitos da pesquisa, que teve como objetivo levantar os dados sobre a FLONA para a coleta das narrativas, através de rodas de conversas no quintal, varanda e até nas casas de farinhas ou em visitas às residências. Foi ouvido um total de dezoito comunitários contadores de histórias. No segundo passo foi realizado entrevistas com professores, alunos e seus pais e observação participante das aulas de ciências naturais para que fosse possível olhar e escutar algumas narrativas utilizadas pelo professor.

Foram selecionados dez contos dos que foram ouvidos com os contadores de histórias e em cada texto foram identificados o nó da intriga ou conflito. Os conflitos, de acordo com a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel (1982) foram tomados como Organizadores prévios com a função não somente de provocar conflito cognitivo no aluno, mas incentivar para motivá-los a falar de forma consciente, ajudando-os a formar estruturas/subsunçoras a partir de contextos familiares presentes no contexto das narrativas locais do aluno estudante na multissérie da FLONA/Tefê.

O trabalho de análise das narrativas deu-se sob o enfoque da orientação metodológica de Vladimir Propp (2010), a partir dos seus estudos sobre a morfologia do conto maravilhoso. Ela se deu como forma de entendermos como as narrativas contêm em seu bojo certas tensões, que, quando identificadas, poderão se transformar em pontos de problematização de conteúdos. Foi solicitado aos professores que estudassem o material coletado, e paralelo a essa ação, fizeram, juntos, à luz da metodologia de Vladimir Propp, a análise, encontrando em cada uma delas a parte preparatória, sequência da complicação ou nó da intriga, sequência final ou desfecho.

A partir da análise de contos populares russos, Vladimir Propp (1895-1970) criou uma fórmula estrutural para as narrativas. Na concepção deste linguista russo, os contos contêm três sequências, subdivididas em 31 funções, que estão ligadas às ações dos personagens no desenrolar da trama. De acordo com a fórmula, nem todos os contos contêm as 31 funções, porém são sempre divididos em três sequências, acompanhada de suas designações.

Na sequência **preparatória ou inicial** as funções são sete, (PROPP, 2010):

(1) Afastamento/ausência: um dos membros da família se afasta de casa, designação: (β);

- (2) Interdição/proibição: ao herói impõe-se uma proibição ou regra, designação: (γ);
- (3) Transgressão: a proibição é transgredida, designação: (δ);
- (4) Interrogação: o agressor tenta obter informações, designação: (ϵ);
- (5) Informação: o antagonista procura obter uma informação, designação: (δ);
- (6) Ardil/engano: o agressor tenta enganar sua vítima para se apoderar dela ou de seus bens, designação: (η);
- (7) Cumplicidade involuntária: a vítima se deixa enganar e ajuda, assim, seu inimigo sem saber, designação: (θ).

A sequência seguinte corresponde ao **nó da intriga** e é composta por mais 12 funções:

- (8) Dano: malfeitoria. O agressor faz mal a um dos membros da família, designação: (A); ou Carência: falta alguma coisa a um dos membros da família ou este deseja obter algo, designação: (a);
- (9) Mediação: Envio em socorro, a notícia da malfeitoria ou da falta é divulgada e dirige-se ao herói um pedido ou uma ordem. O herói é mandado em expedição ou deixa-se que parta por sua própria vontade, designação: (B);
- (10) Início da reação: empreendimento reparador, o herói aceita ou decide agir contra o agressor, designação: (C);
- (11) Partida: o herói deixa a casa, designação: (\uparrow);
- (12) Primeira função do doador: o herói é testado, interrogado, colocado à prova e, como resultado, recebe um objeto ou um auxiliar mágico, designação: (D);
- (13) Reação do herói: o herói reage às ações do futuro doador, designação: (E);
- (14) Fornecimento-recepção do meio mágico: posse do objeto mágico, designação: (F);
- (15) Deslocamento: o herói é transportado até perto do local onde se encontra o objetivo da sua demanda, designação: (G);
- (16) Combate: o herói e seu agressor defrontam-se, designação: (H);
- (17) Marca, estigma: o herói recebe uma marca, designação: (I);
- (18) Vitória: o agressor é vencido, designação: (J);
- (19) Reparação do dano ou carência: da malfeitoria inicial ou falta, designação: (K).

Já a **sequência final** é dividida em 12 partes. São elas:

- (20) Regresso: Volta do herói, designação: (\downarrow);
- (21) Perseguição (o herói sofre perseguição), designação: (Pr);
- (22) Salvamento, resgate: o herói é salvo da perseguição, designação: (Rs);
- (23) Chegada incógnito: o herói chega incógnito à sua casa ou a outro país, designação: (O);
- (24) Pretensões falsas (do falso herói), designação: (L);
- (25) Tarefa difícil: proposta ao herói, designação: (M);
- (26) Realização: a tarefa é realizada, designação: (N);
- (27) Reconhecimento: o herói é reconhecido graças a uma marca, designação: (Q);
- (28) Desmascaramento: descoberta do falso herói, designação: (Ex);
- (29) Transfiguração: o herói recebe uma nova aparência, designação: (T);
- (30) Castigo, punição: o falso herói ou agressor é punido, designação: (U);

(31) Casamento, recompensa: o herói casa-se e sobe ao trono, designação: (W0 0).

A adoção dessas funções estabelecidas por Propp ajuda a compreender a estrutura dos contos populares, bem como permite entender as relações, as convergências e divergências entre os personagens nas mais diversas narrativas.

A luz da teoria de Propp, a autora apresenta, interpreta e analisa as narrativas selecionadas com o intuito de evidenciar pontos necessários a serem utilizados pelo professor no momento da elaboração da cadeia de transposição didática com o uso das narrativas. Por ser uma teoria bastante extensa, a autora utiliza somente o modelo de análise estrutural descrita e representada por ele no capítulo III de sua obra *Morfologia do Conto Maravilhoso* (2010), denominado “Funções dos Personagens”, por ser a que, na visão da mesma, se constitui numa estrutura universal das narrativas e que não acarretará num aproveitamento mecânico e forçado do modelo.

Ainda por uma questão de organização metodológica, a análise das narrativas foi realizada destacando três pontos gerais da análise dos contos, que são: sequência preparatória ou inicial; sequência da complicação ou nó da intriga e sequência final ou desfecho. A identificação das funções foi feita à medida que se foi efetuando a análise interpretativa das narrativas, e em algumas delas pode-se constatar que as funções não aparecem na mesma ordem estabelecidas por Propp tendo em vista que as narrativas amazônicas não seguem a risca a sequência estabelecida por este autor.

As funções foram numeradas de 1 a 31, no entanto optou-se por identificá-las no corpo do texto de análise com as designações e/ou abreviaturas correspondentes a cada uma delas.

Como forma de demonstrar como essa análise ocorreu, trouxe uma dentre as análises que a autora faz dos contos, que foi a narrativa do peixe-boi encantado retirado do seu artigo (ZURRA et al, 2015), que descreve os resultados obtidos durante a sua pesquisa de mestrado.

Narrativa: O peixe-boi encantado

Na comunidade do Turé todo ano, no mês de janeiro, o pessoal se junta para comemorar **a festa do padroeiro, que é São Sebastião (α)**. Conta o povo mais antigo que faz muito tempo nesta data a comunidade sentou. Eu mesmo não vi, mas minha mãe contava que naquela manhã, um dia antes do início da festa, **os rapazes saíram para pescar (β¹)**, eles tinham que trazer alimento para toda a gente que fosse participar da festa.

A festa durava três dias e o pessoal dançava, bebia e comia sem parar.

Era tarde quando os homens voltaram para a comunidade, a canoa vinhe chapada, todo mundo correu para ajudá. Pegaram bastante peixe e também um peixe-boi muito grande, mamãe disse que juntou muita gente para olhar, todo mundo ficou admirado, fazia muito tempo que ninguém pescava um peixe-boi tão grande assim.

Levaram toda a comida para a cozinha da casa de festa onde as mulheres iriam tratar e preparar tudo para as três noitadas. Estavam todas muito ocupadas ali, quando, de

repente, apareceu uma velha chorando e dizendo que ninguém comesse da carne daquele peixe boi, pois era o seu filho encantado que os rapazes tinham matado.

As cozinheiras não ligaram para ela e ainda disseram que a velha tava querendo comer sozinha do peixe. A velha sempre chorando ameaçou:

– Vocês não acreditam, pois vão me pagar, vocês não deviam ter feito isso com meu filho, ele era tão lindo! Apenas uma das mulheres ficou cismada com o que a velha falava e tentou acalmar ela. Mas a velha disse:

– **Olhem, com três arpoadas vocês o mataram, e três estalos será o tempo de misericórdia que a terra dará a vocês! (Pr)**

E pediu de novo à cozinheira, que lhe deu ouvidos.

– **Não coma da carne desse peixe (γ^1)** e no primeiro estalo corra para o centro da mata!

Falou isso e foi embora no rumo da beira. A festança começou, veio gente de todo lado para festa, na primeira e na segunda noite nada aconteceu, mas na terceira noite a dita cozinheira com quem a velha falou saiu para ir buscar lenha, quando ia voltando sentiu um estalo e correu para avisar o pessoal do que tava acontecendo, aí ela avisou.

– **Minha gente, vocês vão morrer tudo!(θ)** Mas o pessoal falou:

– **É nada, você ta com graça, onde que vai sentar isso, onde que vai ter poder de quebrar essa terra! (δ^1)**

Mas a cozinheira insistiu:

– **Menino vai sentar, venham ver como tá rachando a terra. (A)**

Aí disque não quiseram acreditá nela, aí disque ela disse:

– Minha gente, meus filhos corram que vocês vão morrer.

Eles disseram:

– É nada!

Diz ela que só deu tempo dela pular com os filhos e correr (Rs^9) para o mato (Rs^1), aquilo foi mesmo que um vum, foi um estrondo, sem chuva, sem nada (θ), e foi por isso que butaram o nome de Turé, porque eles estavam tocando, né, Turera mutum no sei o que mais lá, é indígena, né, naquele tempo tudo era indígena, a mamãe que contava (Narrativa recolhida pela autora com a Sra. Eclenir F. Rodrigues – Comunidade do Carú).

O peixe-boi encantado		
Pontos de análise	Definição	Abreviaturas
Parte preparatória	(1) Situação inicial;	(α)
	(1) Afastamento para pescar;	(β^1)
	(2) Proibição pela velhinha: não comam da carne deste peixe;	(γ^1)
	(3) Transgressão da proibição;	(δ^1)
	(7) Cumplicidade: a cozinheira reconhece que a comunidade não deve comer o peixe e enche-se de medo, auxiliando a antagonista;	(θ)
Sequência da complicação ou nó da intriga	(8) Dano: o deslizamento da terra;	(A)
	(14) Uso de meios mágicos: causar o deslizamento da terra;	(E)
Sequência final ou desfecho	(21) Perseguição à heroína;	(Pr)
	(22) Fuga rápida da heroína para a mata;	<u>Rs</u> ¹
	(22) A heroína escapa da tentativa de morte pelo deslizamento.	<u>Rs</u> ⁹

Quadro 2: Sistematização da narrativa
Quadro retirado do texto da ZURRA et al (2015)

Para trabalhar com as narrativas, a autora propõe alguns pontos que devem ser seguidos pelo professor para que possa fazer um planejamento prévio:

- a) Realizar a coleta das narrativas na comunidade, tendo o cuidado de anotar o nome dos respectivos narradores;
- b) Fazer um estudo da narrativa identificando o gênero narrativo e suas características;
- c) Identificar a parte do enredo da narrativa na qual se desenvolve o conflito (ou os conflitos);
- d) Considerar a possível semelhança do conteúdo das narrativas com os blocos temáticos (Ambiente, Ser humano e saúde e Recursos tecnológicos) indicados para serem desenvolvidos nas primeiras etapas do ensino fundamental (2º ao 5º ano) na proposta curricular;
- e) Nomear a palavra temática tendo em vista os blocos temáticos e o conflito central da narrativa em estudo, evidenciando a forma como os elementos da narrativa serão articulados e utilizados como pontos de ancoragem para a caracterização dos conteúdos suscitados a partir da palavra temática;
- f) Dos blocos temáticos e das palavras temáticas, organizar os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais a serem ministrados.

A autora com isso, conclui que o trabalho com narrativas pode permitir aos alunos conhecer as especificidades da flora, da fauna, do clima, da água, do ar, do solo, do seu ambiente e estabelecer comparações com as características de outros ambientes, podendo ampliar as noções que possuem a respeito do próprio ambiente em que estão inseridos, fazendo compreender que as diferentes formas de pensamentos desenvolvidas pelo homem podem resultar em diferentes explicações

para os mesmo fenômenos da natureza, sendo esses pensamentos místicos, filosóficos ou científicos.

6.4 FERRAMENTA NO ÂMBITO DE PROCESSO DE FORMATIVO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Todos os trabalhos inseridos nessa categoria foram desenvolvidos pela mesma autora, de forma individual ou demais autores.

Em seu trabalho de dissertação a Hofstatter (2013) buscou reunir conhecimentos sobre a caatinga e os sentidos atribuídos à onça-pintada (*Panthera onca*) e à onça-parda (*Puma concolor*) de membros da comunidade e professoras/es em uma escola localizada na comunidade de Brejo dos Olhos d'Água (Barra-BA). Na perspectiva da educação ambiental crítica e compreensiva, buscou-se colaborar para entendimento e superação dos conflitos entre seres humanos e estes animais, discutindo entre os participantes possíveis caminhos contextualizados à realidade local.

Nessa pesquisa, utilizou-se os casos para desvelar aspectos do modo de vida caatingueiro em relação ao tema pesquisado. Assim, essas narrativas cumpriram a função de entender o imaginário e a cultura local através da sua análise de conteúdo.

O grupo para a coleta dos dados foi formado por 25 pessoas, sendo 19 professores/as e 6 membros da comunidade, em relação ao gênero foram 14 participantes do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Entre os membros da comunidade alguns eram pais de alunos da escola local e os professores tinham formação na área de letras, pedagogia e história, sendo que um dos participantes tinha formação técnica em meio ambiente e eram residentes da comunidade ou na comunidade vizinha.

O trabalho foi desenvolvido durante um processo de formação em educação ambiental numa perspectiva crítica para professores onde receberam certificação, que ocorreu em quatro encontros totalizando 40 horas e mais 20 para a realização das tarefas, utilizando para a coleta dos dados cadernos e observações de campo, questionário e diálogos gravados em áudio mediante consentimento dos participantes. Segundo a autora, a escolha de trabalhar com professoras/es se deve ao entendimento da importância dessa classe, imprescindível em todo e qualquer processo de mudança social, tão pertinente ao momento societário e planetário que vivemos e que no exercício de suas práticas, estes profissionais lidam diariamente com a formação de crianças e jovens, por isso é uma profissão que traz toda a potência da transformação da sociedade.

Durante os encontros, todas as atividades possuíam a finalidade de gerar dados ao mesmo tempo em que continham objetivos didáticos de aprendizagem, para que fosse cumprir a função educativa-formativa-reflexiva atrelada à pesquisa. Em todas as etapas foram aplicados questionários para a verificação de alguns aspectos sobre a percepção ambiental ou para avaliação da prática educativa realizada.

O primeiro encontro foi utilizado para a construção de um biomapa que tem como princípio representar fatores socioambientais importantes, através de uma delimitação espacial. O biomapa tem por objetivo a construção, na forma de um mapa, de descrever um território, com suas potencialidades, problemas e questões relevantes para conhecer a realidade local, pois promove a interação dos participantes e a

compreensão do espaço vivido. A delimitação escolhida foi o município de Barra, onde a pesquisa estava sendo desenvolvida, com isso a sistematização destes dados permitiu diagnosticar previamente algumas questões problemáticas que se destacavam, como as queimadas, o desmatamento e a caça, que serviram na construção dos conceitos ambientais.

No segundo encontro foi feita uma saída fotográfica com o grupo para que fosse gerado discussões, memórias, comentários e auxiliar na elaboração de enunciados sobre situações e processos complexos. Na aplicação desse método as fotos poderiam ser escolhidas previamente, mas a opção foi a de pedir que os sujeitos criassem suas próprias imagens.

No terceiro encontro foram utilizados métodos para entender a percepção em relação à onça, dentre eles estava a coleta de causos de onça. Num primeiro momento foi aplicado questionários aos participantes do curso que tinha por objetivo conhecer quais os saberes e quais as percepções prévias traziam consigo, onde foi possível a coleta de nove causos entre os participantes do curso, logo após o grupo foi a campo pesquisar e entrevistar outros moradores locais que eram caçadores sobre hábitos de caça e histórias/causos de onça que teve a intenção de conhecer um pouco mais sobre os hábitos de caça, nessa etapa foram recolhidos sete causos entre os caçadores entrevistados, totalizando dezesseis causos utilizados para a análise.

Durante as entrevistas o grupo buscou conhecer, através dessas narrativas, quais os elementos reais e fantasiosos que existem na relação entre os seres humanos e este animal que foi utilizado tanto para coleta de dados como para a formação do grupo participante da pesquisa. Como forma de avaliar essa etapa, a pesquisadora aplicou um questionário aos professores e logo após uma roda conversa.

Ao serem questionado de que forma a coleta do caso poderia auxiliar em prática profissional algumas respostas foram: “pudemos procurar conhecer um pouco sobre animal e o entrevistado para podermos associar as resposta das pessoas”; “Foi uma experiência magnífica, pois a partir daí deu para compreender que existem muitos mitos com relação à onça em nossa região e também, percebe-se que existe a necessidade de fazer, dentro do meu local de trabalho, uma frequente conscientização do alunado quanto à preservação das onças e, conseqüentemente, contribuindo ainda mais para a preservação do ambiente que vivemos”; “Gostei já que essa prática me permitiu uma ampla compreensão sobre a onça e o curso. Essa atividade foi bem positiva e irei aplicar na vida profissional.”

Conhecer os causos em relação às onças, permitiu que os professores/as pudessem adquirir novos conhecimentos, mitos, medos, de forma que possa ajudar na aprendizagem dos alunos. Os resultados apontam que as visões que os participantes tinham em relação ao seu ambiente e a onça haviam mudado após a coleta dos causos, indicando principalmente a desmistificação de que as onças atacam sem motivo qualquer o ser humano, o que indicaram ser uma questão importante para futuros trabalhos de pesquisa e mediação de atividades de Educação Ambiental.

O quarto e último encontro, foram divididos entre as pessoas que tiveram contato com a onça e dos que não tiveram, que teve como objetivo refletir e discutir

sobre os temas que foram tratados no curso, e discutir a veracidade dos causos contados pelos caçadores.

A autora traz alguns pontos importantes na conclusão do trabalho, dentre eles estão de que os causos e histórias de onça foram eficientes para conhecer um pouco a memória ancestral, sabendo-se que a forma como são narradas refletem a maneira como concebem as relações com as onças, no caso, sempre conflituosas, com isso o professor pode através de suas práticas educativas colaborar com a ruptura da imagem negativa sobre a onça.

Hofstatter e Oliveira (2015) a partir dos resultados da dissertação apresentada anteriormente, discute que os causos devem ser desmistificados e entendidos enquanto uma cultura que é transmitida entre gerações, porém sem considerar os sujeitos passivos a essa transmissão de representações e que a educação ambiental deve pautar-se na historicidade e colaborar para a desconstrução do repúdio e do medo excessivo, proporcionando novos valores e vivências junto ao meio ambiente, para que as pessoas possam criar seus próprios significados e construir seus conhecimentos pautados em suas próprias experiências. Portanto, deve-se trabalhar com as pessoas conteúdos significativos e apropriados à realidade local e construir, junto à população, alternativas viáveis socialmente para a convivência com onças.

As autoras apontam que após a análise dos causos e os resultados adquiridos durante o curso de formação de professores/as, percebeu-se que tanto na conservação, como no entendimento dos conflitos com onças envolve os fatores ecológicos, sociais, econômicos, culturais, psicológicos e históricos. Com isso, os causos e as histórias de onça foram importantes para conhecer um pouco a memória ancestral e sabemos que a forma como são narradas refletem a maneira como concebem as relações com as onças, no caso, sempre conflituosas.

Partindo também dos resultados da dissertação apresentada aqui neste trabalho, Hofstatter e Oliveira (2020), propõem caminhos educativos para superar os conflitos entre humanos e onças.

Durante as entrevistas com os caçadores, todos afirmaram que mataram as onças não pelo fato de possuírem uma ameaça concreta, mas apenas pela proximidade com o animal lhe causar medo. Durante a coleta de causos de onça, todos apresentam um duelo entre onças e humanos, o que retroalimenta a relação de oposição e competição entre as espécies, que perpassa as gerações. Com isso, as autoras discutem que não se pode deixar de considerar que no contexto do semiárido as pessoas vivem uma luta diária pela vida e pela sobrevivência, o que pode levar a uma experiência com a natureza mais direcionada ao sustento, e à visão sobre a onça como de uma competidora de recursos naturais.

Um outro ponto que as autoras destacam no artigo é que pelo fato das pessoas da comunidade vivenciarem a onça como uma ameaça à criação animal e à vida humana isso se torna como um ponto de dificuldade para a aceitação de outras formas de estar em um ambiente de convívio, tolerância e aceitação da onça.

O medo, a ameaça e o duelo foram os aspectos desvelados nos causos, então Hofstatter e Oliveira (2020), propõe usá-los para discutir os modos de vida, a tradição, os hábitos, através de um trabalho educativo e formativo para o convívio entre seres

humanos e a onça ou outros predadores, agregando esforços para construir, junto aos sujeitos, formas de compreensão da tradição e desmistificação em relação ao repúdio.

Durante o curso de formação as autoras ao perceberem nos relatos dos causos dados pelos professores e caçadores que a predominância do medo era em relação ao ataque aos seres humanos, apresentaram dados demonstrando que não existe relato de ataque aos humanos e quando ocorrem somente mediante aos animais estarem sob ameaça. Mesmo apresentando esses dados, os causos narrados por eles estão fortemente arraigados em sua percepção sobre as onças, o que acaba contribuindo para que o sentimento de medo se sustente.

Entre os pontos fundamentais identificadas pelas autoras, está a visão utilitarista dos recursos naturais, que transpõe a ameaça representada pela onça aos recursos ou à própria vida, com isso procuraram trabalhar que existem recursos suficientes para os seres humanos e para as onças, mas que requer manejo e algumas medidas de proteção e utilização racional desses recursos.

Ao concluir o trabalho, as autoras indicam a necessidade da educação ambiental com a temática dos predadores, nas localidades onde eles ocorrem sugerindo alguns conteúdos que podem ser abordadas no processo educativo, tais como: o uso e a ocupação antrópica do solo; as diferentes visões de utilização dos recursos naturais; o papel e o comportamento dos predadores no ecossistema.

Em relação aos caçadores perceberam que as abordagens educativas devem ser diferentes. O grupo dos que caçam por entretenimento implica em uma postura de vida, e precisam ser trabalhados em uma prática educativa extensa e transformadora, o que requer mais pesquisas e uma preparação específica para essa abordagem. Para as pessoas que caçam em retaliação à perda de animais, indicaram uma prática educativa que se alie ao planejamento participativo da criação e formas de evitar a predação. Aos caçadores que alegam caçar em proteção à vida, indicaram melhor compreender o medo, sentimento descrito como o mais comum, conhecer mais os hábitos dos animais e em quais casos eles atacam.

Para as autoras a análise dos causos de onça mostrou-se eficiente na emergência de temas que ao mesmo tempo são atuais, cotidianos e ancestrais, assim, permitem diversas problematizações, sendo um campo muito rico de trabalho, mas não são caminhos simples, pois requerem investimento, concentração de esforços, políticas públicas pertinentes, um trabalho participativo e uma Educação Ambiental comprometida, mas acreditamos que são caminhos possíveis.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo propõe-se a responder o seguinte questionamento: *De que forma os contos populares podem contribuir para um ensino que vise à formação de sujeitos preocupados com os problemas ambientais?*

Mediante os trabalhos levantados e analisados, pode-se então afirmar que o uso dos contos populares e causos como instrumento para sensibilização na educação ambiental mostra-se como eficaz, visto que em muitos trabalhos houve concretas sensibilização de alunos, professores, famílias e comunidades para as questões ambientais, proporcionando que compreendessem a realidade que os cerca sob uma ótica diferente, possibilitando a construção de uma reflexão crítica acerca do espaço, das relações e do contexto local.

Pode-se afirmar também que as metodologias aplicadas com causos e contos populares podem ser utilizadas em outros contextos e/ou outras escolas, como ferramenta de grande valia na formação do futuro cidadão.

O estudo apresenta um olhar para os trabalhos que abordam o tema do uso dos contos populares e causos no ensino da educação ambiental. Os temas desenvolvidos nos estudos encontrados concentram-se principalmente como ferramenta para o ensino da educação ambiental, nas quais os contos populares e os causos são utilizados como ponto de partida para a realização de atividades e projetos, o que demonstra ser favorável à ampliação da discussão em torno do tema, discutindo a hierarquização de saberes posta pela ciência, que apaga e destitui de sentidos para os estudantes conhecimentos oriundos de suas comunidades e famílias.

O fato de ter sido levantado apenas treze artigos/ trabalhos nos mostra que os estudos sobre o uso dos contos populares/causos na educação ambiental e sua publicação encontra-se ainda em desenvolvimento, apontando a carência na área e a necessidade de mais pesquisas. A partir dos trabalhos encontrados é possível perceber que a pesquisa sobre o tema proposto nesta pesquisa, apesar de ainda incipiente, se desenvolve sobre eixos educacionais importantes, abarcando estudos que problematizam formação docente, práticas pedagógicas e questões relativas ao tema. Apenas um trabalho trouxe uma reflexão teórica sobre o tema, demonstrando a necessidade do desenvolvimento de pesquisas nesse sentido.

Trabalhar com práticas que envolvem a temática da educação ambiental através do resgate da cultura local por meios dos contos populares/ causos é uma necessidade urgente já que o estudo demonstrou que é possível identificar no conhecimento dos alunos e das comunidades elementos potencializadores para a transposição didática no ensino da educação ambiental.

Evidencia-se que este trabalho contribuiu para o campo das reflexões teóricas sobre o uso das narrativas populares (contos populares) como recurso no processo ensino- aprendizagem de temas relacionados às questões ambientais, mostrando-se como ponto de partida para elaboração de outros trabalhos que tratem da mesma temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUSUBEL, David. P. A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

AZEVEDO, E. B. (1999). Poluição e tratamento de Água. In: Química Nova Escola. p. 10-21.

BAPTISTA, Geilsa & ROBLES- PIÑEROS, Jairo. (2017). Ensino de biologia e diálogo intercultural: possibilidades a partir de um conto.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004.

BRASIL. Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Senado, 1999.

CANDAU, V. M. *Sociedade, educação e cultura*. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2002.

COBERN, William W.; LOVING, Cathleen C. Defining “science” in a multicultural world: Implications for science education. *Science Education*, v. 85, n. 1, p. 50-67, 2001.

COUTO, M. A.; DUARTE, Neimar de Freitas . Resgate linguístico no territórios do Rio São Francisco: causos e modas de viola como instrumento de educação ambiental. In: VI EPEA - A pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil, 2011, USP - Ribeirão Preto - SP. VI EPEA - A pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, 2011. v. VI.

DA SILVA, Ezequiel Theodoro. Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. Em aberto, v. 16, n. 69, 2008.

DAVID, Ricardo Santos. Educação Ambiental: A Importância Deste Debate na Educação Infantil. *EcoDebate*, 2017

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008.

DENNEY, Andrew S.; TEWKSbury, Richard. How to write a literature review. *Journal of Criminal Justice Education*, v.24, n.2, p.218-234, 2013.

FRACALANZA, H.; AMARAL, I. A.; GOUVEIA, M. S. F. O ensino de ciências no primeiro grau. São Paulo: Atual, 1986.

FERREIRA, D. J. ; SILVA, A. A . Vozes das minhas vozes: causos contados e encantados por moradores do Povoado de Alecrim Miúdo (BA) em um diálogo com a Educação Ambiental.. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HENRIQUES, Cecília. **Os contos populares de outras culturas na educação ambiental**. 2016. Tese de Doutorado.

HOFSTATTER, Lakshmi Juliane Vallim. O imagético de uma comunidade caatingueira e os sentidos atribuídos à onça em um processo formativo de educação ambiental crítica. 2013. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

HOFSTATTER, L. J. V.; OLIVEIRA, H. T. . Causos de onça: uma possibilidade de trabalho na educação ambiental pela elucidação de sentidos e conflitos entre humanos e onças. In: Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 2015, Rio de Janeiro. Anais do VIII EPEA, 2015.

HOFSTATTER, L. J. V.; OLIVEIRA, H. T. . A tradição e a atenção nos causos de onça: uma perspectiva da educação ambiental para uma melhor compreensão dos conflitos entre humanos e onças. *REVISTA ELETRÔNICA DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL*, v. 33, p. 125-143, 2016.

HOFSTATTER, L. J. V.; OLIVEIRA, H. T. . CAMINHOS EDUCATIVOS PARA UM MELHOR CONVÍVIO ENTRE HUMANOS E ONÇAS. *ENSAIO: PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (ONLINE)*, v. 22, p. 1-23, 2020.

Grzebieluka, D., Kubiak, I., & Schiller, A. M. (2014). Educação Ambiental: A importância deste debate na Educação Infantil. *Revista Monografias Ambientais*, 13(5), 3881–3906. <https://doi.org/10.5902/2236130814958>

GOMES, I. S.; ARAUJO, J. de. Conhecendo o Meio Ambiente em Rio Bonito: Uma Prática Lúdica e Educativa no Colégio nossa Senhora de Nazaré, Nova Friburgo-Rj. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 7-15, 2010. DOI: 10.25061/2527-2675/ReBraM/2010.v13i1.118. Disponível em: <https://revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/118>. Acesso em: 11 maio. 2022

JACOBI, P. Educar na sociedade de risco: o desafio de construir alternativas. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 2, n. 2, p. 49-65, 2007.

JESUS, S. N. de. Professor sem stress. Realização e bem-estar docente. Porto Alegre, RS: Mediação, 2007.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm >.

LEITE, J. P. A.; BERGAMASCO, S. M. P. P. Avaliação do Autoconsumo de Alimentos no Assentamento de Sumaré II e Estudo Comparativo entre Assentamentos Rurais. In: CONGRESSO INTERNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, 10., 2002, São Paulo. Anais... São Paulo, 2005.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Conhecimento escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MIZERSKI, Hellen Jaqueline Cordeiro. **Ensino de ciências e interdisciplinaridade: relato de experiência no Canyon Guartelá**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

NAKANO, David; MUNIZ JR., Jorge. Writing the literature review for empirical papers. *Production*, v.28, p.1-9, 2018.

OLIVEIRA, Wilandia Mendes. Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem. **RESUMO, Inesul, Londrina**, 2014.

PASA, Maria Corette. Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, 2004. 174 f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: 2001.

PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; SOUSA, Jorge Luís Umbelino. Parte Diversificada dos currículos da Educação Básica: que política é essa. **Espaço do Currículo**, v. 9, n. 3, p. 448-458, 2016.

POLO, M. J. A. Explorando a contação de mitos, causos e histórias tradicionais do norte do Paraná no ensino de história: o recurso à oralidade como elemento de análise. Anais do I Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís: Vozes, Performances, Sonoridades 541.

UEL. 20 a 22 de outubro de 2010.

PRADO, NATHÁLIA LARISSA DO ; **GONÇALVES, LAISE VIEIRA** ; NASCIMENTO JUNIOR, ANTONIO FERNANDES . Causos Caipiras e Museu de História Natural: ferramentas para a construção do conceito de conservação. **FÓRUM AMBIENTAL DA ALTA PAULISTA**, v. 13, p. 1-10, 2017.

Resolução CNE/CEB nº 4, de 10 de junho de 2010. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: 2013.

SANTOS, Diana Gonçalves dos, et al. Contos de tradição oral e educação ambiental: uma prática interdisciplinar em aulas de ciências. 2017.

SANTOS, Diana Gonçalves. Conto de tradição oral: um dossiê de uma prática interdisciplinar em aula de ciência. *Ambiente & Educação*, v. 23, n. 3, p. 281-296, 2018.

STEPHENS, J. *Language and ideology in children's literature*. New York: Longman Publishing, 1992

SILVA, Ariela Cardoso Da et al.. **A dialogicidade em paulo freire: uma análise dos últimos enpecs**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67557>>. Acesso em: 07/03/2022 07:18

SOUZA, Pereira Salles de. Publicação de revistas científicas na Internet. **Brazilian Journal of Cardiovascular Surgery**, v. 21, n. 1, p. 24-28, 2006.

PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Org. Boris Schnaiderman. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ZURRA, Raiziana Mary de Oliveira et al. Narrativas da floresta nacional de Tefé: expressões de saber do aluno ribeirinho e a sua transposição didática para o Ensino de Ciências Naturais. 2011.

ZURRA, Raiziana Mary de Oliveira et al. Narrativas populares alternativa didática ao ensino de ciência. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, 2015.